



A ESCRITA DAS REDES DIGITAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO SOBRE O “INTERNETÊS”

Roberto Remígio Florêncio (IFSertãoPE)¹
Elan Gomes Figueiredo (SEC)²

Resumo: Este trabalho aborda a escrita das redes sociais digitais no ambiente escolar. Trata-se de um estudo sobre o manejo e rapidez com que essa forma de escrita se propagou nas redes sociais, em especial nos aplicativos de comunicação e que hoje faz parte de uma calorosa discussão principalmente nas escolas. Seria uma prática de escrita que tem como característica o registro diverso ao da norma padrão, prevalecendo a prática de abreviações, falta de acentuação gráfica, acréscimo ou repetição de letras e a colocação de símbolos (emojis) representando sentimentos humanos. Mas, não são apenas esses traços que podem ser observados na escrita dos textos digitados nas redes sociais, mas essa prática compõe um universo de situações que marcam a sociedade contemporânea: a rapidez das conversas, o imediatismo das relações e a fluidez do pensamento são marcas importantes desse nosso tempo. Esse estudo aponta o “internetês” não como “assassino da Língua Portuguesa”, mas como um momento crítico para se perceber um fenômeno da comunicação.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Internetês; Escrita.

Abstract: This work addresses the writing of digital networks in the school environment. It is a study on the management and speed with which this form of writing spread on social networks, especially in communication applications and which today is part of a heated discussion, mainly in schools. It would be a writing practice that is characterized by registering different from the standard norm, prevailing the practice of abbreviations, lack of graphic accentuation, addition or repetition of letters and the placement of symbols (emojis) representing human feelings. But it is not just these traits that can be observed in the writing of texts typed on social networks, but this practice makes up a universe of situations that mark contemporary society: the speed of conversations, the immediacy of relationships and the fluidity of thought are hallmarks important of our time. This study points to “Internetish” not as a “murderer of the Portuguese language”, but as a critical moment to perceive a phenomenon of communication.

Keywords: Portuguese Language; Internetish; Writing.

Introdução

A escrita na internet é uma realidade consolidada e analisar essa variação própria do ambiente digital, principalmente nas redes sociais, permite-nos observar uma

¹ Doutor em Educação (UFBA); Mestre em Educação e Cultura (UNEB); Licenciado em Letras (UPE), em Pedagogia (UNEB) e em Geografia (UNICESUMAR); Professor em IF Sertão Pernambucano.

² Mestrando em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares pela UPE - Campus Petrolina; Graduado em Pedagogia pela Faculdade Latino-americano de Educação, e em Letras pela UPE - Campus Petrolina; Especialista em Literatura Portuguesa, Psicopedagogia Clínica e Institucional e Gestão e Coordenação Pedagógica pela Faculdade de Educação Superior de Pernambuco - FACESP;



possibilidade da língua e do discurso, considerando a heterogeneidade como traço constitutivo da linguagem e das atividades verbais humanas. Plataformas como o Facebook, Instagram, LinkedIn e WhatsApp são redes sociais digitais e on-line, cada vez mais utilizadas no mundo inteiro, com serviços e aplicativos gratuitos para seus usuários, que obtêm receitas provenientes de publicidade, incluindo banners e vídeos, cuja sistemática de uso objetiva otimizar a comunicação entre indivíduos, grupos específicos, corporações e governos (Bonilla; Pretto, 2015). Os usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, e passam a trocar mensagens privadas e/ou públicas, entre si e/ou participantes de grupos, comumente denominados “amigos” ou “seguidores”. A visualização de dados detalhados dos membros de uma mesma rede ou amigos confirmados pode ser livre para qualquer um, ter um status mais reservado ou completamente privado.

Segundo o segundo IBGE (2020), o WhatsApp é a rede de contato e mensagens mais utilizada no Brasil. Neste estudo, no entanto, detivemo-nos em analisar a linguagem das redes abertas, especificamente Facebook e Instagram, pelo provimento de criações linguísticas e simbólicas que nos comprometemos em abordar. A esse tipo de linguagem, resolvemos denominar genericamente de “internetês”, que seria uma forma alternativa (à oficial) de grafar a língua escrita e que vem se espalhando em redes sociais digitais em aplicativos pelo mundo inteiro, no entanto, delimitaremos o estudo à língua portuguesa.

Essa nova forma de se comunicar seria uma prática de escrita que tem como características fundantes o registro diferente da norma padrão e a criatividade na composição de neologismos baseada em sinais que extrapolam os signos linguísticos. O que prevalece nessa prática são elementos que corroboram a urgência na comunicação dos tempos do imediatismo (também) linguístico: uso de abreviações, falta de acentuação gráfica, acréscimo ou repetição de vogais e consoantes, formação de palavras a partir de onomatopeias ou recursos visuais. Esses são alguns dos principais traços que podem ser observados na grafia dos textos digitados no Facebook e Instagram.

É compreensível, em termos linguísticos, que, com o advento do “internetês”, os usuários de computadores passam a integrar uma rede que revolucionou a comunicação escrita, derrubando fronteiras geográficas e aproximando inúmeros povos e suas diferentes culturas, independente de suas localizações geográficas no planeta. Tudo se transforma em uma grande aldeia global. Os internautas, cada vez mais ávidos por simplificação e praticidade, vão mais além: símbolos matemáticos, carinhas (emojis),



cores outros signos não-linguísticos são facilmente incorporados nesse tipo de comunicação.

O que nos chama a tenção é a facilidade, criatividade e rapidez como que as palavras vêm sendo abreviadas, privilegiando a informação em si mesma, em processos em que uma ou duas letras são suficientes para o entendimento da mensagem, por exemplo: *p/vc* (para você) ou *td meu S2* (todo meu coração).

O “internetês” pode ser visto como uma linguagem surgida no ambiente baseado na simplificação informal da escrita, mas alguns estudiosos da língua encaram como uma variedade, enquanto outros veem o “problema” como um “assassinato da língua”. Essa linguagem surge principalmente a partir da familiarização dos jovens com o avanço das tecnologias digitais, em espaços de interação on-line e essas tecnologias são situações completamente estabelecidas nas novas gerações. Pode ser assim simplificado: os usuários se comunicam através de enunciados rápidos e criativos, criando signos com poucas letras para a interlocução, e/ou adicionando desenhos à escrita. Os significados transmitidos levam a garantia de uma comunicação dinâmica entre emissor e receptor, protagonistas de uma cultura jovem.

No entanto, por desviar-se da língua padrão de escrita, o uso do internetês tem provocado grandes discussões, principalmente nos espaços escolares, por isso, um dos objetivos do presente estudo é justamente esse: além de analisar esse novo método de comunicação, buscar compreender o distanciamento da escola nessa discussão. Como a escola, enquanto espaço de antecipação das tecnologias e da formação de novas consciências, tem reagido a esse novo estilo de escrita? Os professores não parecem estar preparados para lidar com essa formação linguística (Florêncio; Bonilla; Silva, 2020), ao tempo que estamos todos imersos nessa nova tendência de vida e de comunicação.

1 Novas tendências tecnológicas na escrita

O final do século XX ficou marcado pela aceleração do processo da globalização, derrubando fronteiras nos vários campos do universo de conhecimento cultural, social e histórico. Embora, ainda suscite diversas divergências no campo da economia e política, visto que o próprio processo de globalização pode ser analisado como um ato de exclusão.



Mas, não se pode negar que a globalização tem sido elemento de diversos estudos e discussões, enfatizando múltiplos fatores e manifestando várias tendências, como a divulgação rápida de informações, tanto na área social quanto na área de tecnologia.

Grande parte dos avanços nesta área está no processo de evolução da comunicação, conduzindo-se para uma maior democratização do saber e da informação. Indubitavelmente, a comunicação virtual introduz um conceito de expansão da informação e do poder de comunicar-se. O espaço cibernético tem se tornado um lugar essencial, um futuro próximo de comunicação e pensamento humano.

Esse espaço abre possibilidades de comunicação completamente diferentes da mídia clássica, conforme aponta Marcuschi (2003, p. 7), ao desenvolver o seguinte foco de reflexão: a variante linguística digital não se classifica necessariamente como um novo objeto linguístico, mas deve ser encarado como uma nova forma de uso da língua enquanto prática interativa.

O “internetês” tem conduzido o indivíduo a uma cultura eletrônica, uma nova forma de “economizar na escrita”. A cada dia, surgem novas formas de uso do “internetês” como recurso para enriquecer e favorecer os processos de comunicação, inclusive o de ensino-aprendizado. O uso desse tipo de linguagem há muito tempo já influencia tanto a escrita como a leitura em salas de aula. Para as professoras e professores, saber as consequências desse fenômeno é fundamental para se preparar/programar para uma nova abordagem (Florêncio; Damasceno, 2022). Ao se perceber essa linguagem como uma prática corriqueira entre os estudantes, o embate pode ser uma perda de tempo e muito desgaste para os professores da Língua Portuguesa.

O internetês foi durante algum tempo um bicho de sete cabeças para gramáticos e estudiosos da língua. Eles terminam que as abreviações fonéticas (onde casa vira “ksa”; e aqui vira “aki”) comprometessem o uso da norma culta do português para além das fronteiras cibernéticas. Mas ao que tudo indica o temido internetês não passa de um simpático bichinho de uma cabecinha só. Ainda que a maioria dos professores e educadores se preocupe com ele (alertando os alunos sala), a ocorrência do internetês nas provas escolas, vestibulares e em concursos públicos é insignificante. O “problema” é, no fim das contas, menor do que imaginou (Rampazzo, 2009, p. 28).

O “internetês” está presente principalmente na escola do jovem e do adolescente. Diante disso, alguns canais de TV a cabo como o Telecine, SyFy e os Star Channel 1 e 2 utilizam legendas para interagir com seu público e cyber movie, permitindo um melhor



entendimento dos filmes e também a possibilidade de assistir uma quantidade maior deles.

O telecine, por exemplo, quando está exibindo algum filme sempre mostra na tela: “VC ESTÁ ASSISTINDO... (e o nome do filme)”, ou seja, o “vc” está presente, pois não é só por causa de um canal que é necessário exibir uma boa escrita. Não houve grandes críticas à Globo, proprietária desses canais, por causa desse tipo de escrita. Para os jovens que já estão acostumados a essa linguagem, isso faz com que a leitura de legendas de filmes se torne mais rápida e mais fácil.

É isso que Marcuschi (2010) enfrenta ao defender que tecnologia e cultura interagem de forma metódica e significativa para interferir nas práticas de escrita contemporânea. As possibilidades de uso da internet como ferramenta educacional vêm aumentando gradativamente, apesar dos limites dessa expansão ser ignorados por muitos. Acerca disso, Freitas (2006, p. 12) afirma: “pertencemos a uma cultura escrita, e pensar de uma forma desvinculada dela é difícil para nós”.

Surgindo a partir de formas de textualização já existentes, o texto eletrônico transforma os gêneros textuais/discursivos através dos quais a escrita e a fala se manifestam simultaneamente. Em relação ao “internetês”, podemos dizer que é um meio de comunicação que exige pressa no diálogo, com o objetivo de ganhar tempo sem perder o foco das informações, ainda que isso venha representar algum tipo de infração das normas gramaticais, no que diz respeito à escrita na escola, trata-se de uma escrita de língua que dispensa formalidades.

Como a norma padrão não aceita desvios gramaticais, os usuários dessas redes devem entender que, para cada situação, haverá uma exigência e que ao escrever um texto em que se deve usar a língua padrão, mesmo que ocorra algum equívoco, devem-se realizar as atividades de formulação e se faz extremamente necessário um cuidado maior com o texto escrito.

O estilo “on-line” utilizado na internet tem levado a muitos discursos de que esse tipo de linguagem pode influenciar decisivamente a escrita dos alunos na escola. Cientes de que ainda não existem respostas definitivas e de que pesquisas ainda precisam ser realizadas a fim de aprofundar a relação entre a escrita digital e escrita escolar, assinalamos que alguns internautas (adolescentes) têm conhecimento de que essa forma de usar a língua na internet os faz se sentirem integrantes de uma “tribo” e que, ao mudarem de esfera de atividade social, devem utilizar uma outra forma de linguagem (Souza, 2007, p. 1999).



As escolas não parecem confortáveis diante da necessidade de conviver com a realidade da escrita das redes sociais, segundo os estudos de Florêncio, Bonilla (2020). É claro que, nas salas de aula, sempre haverá a exigência do aprendizado da língua padrão, principalmente na forma escrita, pois o momento escolar tem de certa forma, uma particularidade: na escola se trabalha com um tipo de expressão que faz com que o gênero deixe de ser apenas um meio de comunicação, passando a ser, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem.

O grande desafio que se apresenta aos professores e alunos é a familiarização com as diversas linguagens surgidas da proliferação de novas formas de escrita advindas a partir das tecnologias digitais. A interface digital da tecnologia moderna nos traz o surgimento de novas linguagens, novos gêneros e novas formas do texto e da imagem. Escrever não é mais uma relação assíncrona, pois o Facebook, mais do que outros aplicativos de relações pessoais em rede, por exemplo, é uma ferramenta que utiliza a escrita de forma mista em diversos aspectos: em relação à temporalidade (síncrona e assíncrona) e em relação à construção textual (com integração de imagens, sons, oralidade e acúmulo de representações semióticas).

Portanto, os profissionais da educação não podem ignorar essa realidade que está presente no dia a dia dos jovens. Segundo Araújo (2007, p. 10), nas escolas foram surgindo novas palavras como chats, e-mails, blogs, fotolog, vlogs, homepage, sites e-foruns, selfies. LOL, OMG, Avatar, Bug, Emoji, Emoticon, Trollar, Viral, Nude, Poser, Tuitar, Flamer, lacrar, entre outros, o que mostra novas formas de socialização no meio digital, provocando, de certa forma alguma perturbação na ordem escola.

Aprender a trabalhar com essa escrita pode construir um avanço para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, para isso é importante saber até que ponto essa escrita (o “internetês”) está influenciando a escrita fora da internet.

É evidente que acostumar-se a escrever assim poderia causar algum problema, pois o aprendizado da ortografia é a fixação de uma imagem e poderia vir à mente uma imagem errada no momento de escrever. No entanto, isso não acontece com pessoas que foram bem alfabetizadas. O problema, portanto, é de escola e não de internet. É preciso que os professores trabalhem com a realidade linguística em que vivem. É necessário considerar essa escrita ao trabalhar ortografia (Fiorin, 2008, p, 28).

Com o intuito de compreendermos melhor como acontece na escrita das redes sociais, transcorreremos sobre as peculiaridades do “internetês” no Facebook especificamente, tendo em vista que a comunicação nessas plataformas digitais é um



acontecimento textual com base na linguagem escrita. Os internautas costumam relacionar a essa escrita como oralizada, ou seja, uma transposição da fala para a escrita. No entanto, como nos ensina Marcuschi (2010), essa relação não acontece de forma tão direta.

2 Dos primitivos monólitos ao internetês

A escrita em ambientes virtuais está impregnada de aspectos não-ortográficos, como elementos fonéticos, onomatopaicos, representações de signos ou simplesmente desenhos. Para entendermos a relação oral/escrito nesta rede social é preciso nos dedicar a um estudo sobre as questões sociais e cognitivas da escrita nas sociedades orais.

Observamos que no blog dos adolescentes as palavras são abreviadas, reduzidas, simplificadas, a pontuação é irregular, há ausência de acentuação, alongamento de vogais e consoantes. Essa renúncia deliberada às convenções ortográficas da Língua Portuguesa acontece porque o adolescente já é capaz de reescrever seus conhecimentos ortográficos (Araújo, 2007, p. 38).

Utilizando-se dos mais variados recursos acerca da língua e da linguagem, o homem vem cada vez mais criando meios para suprir suas necessidades de comunicação, interação com o mundo que o cerca e ampliar seus conhecimentos, constituindo, desse modo, um conjunto de linguagens técnicas.

Cada tipo de linguagem tem e apresenta a sua natureza, manifestando-se por diferentes tipos de elementos linguísticos, e através deles extralinguísticos, apontando suas características e especificidades, passíveis de reconhecimento. Neste sentido, a linguagem virtual, abordada neste trabalho, não é uma exceção, pois apresenta características particulares de uma área técnica e/ou de especificidades.

Para Marcuschi (2003, p. 10), nossa sociedade foi das inscrições rupestres à pichação urbana, um caminho curioso que sugere inúmeras interpretações e não necessariamente uma evolução.

Todo tipo de escrita pode ser considerado uma tecnologia, desde os primitivos monólitos (escritos egípcios feitos em pedra, entre outros) à tela do computador, passando pela tabuinha de cera, o papiro e muitas outras ferramentas de escrita, entre as quais se inclui o texto impresso (livros, revistas, jornais etc). “Uma característica tida como essencial é a centralidade da escrita” (Marcuschi, 2010, p. 10), ou seja, esse tipo de



interatividade tem pouco mais de vinte anos e ainda é considerado um assunto bastante corriqueiro para professores, principalmente.

Denomina-se Netspeaka (“internetês” traduzido) (Quindim, 2021) linguagem usada por falantes cujo meio de comunicação é o inglês, no caso da língua portuguesa, o rótulo recebido foi o de *internetês*, por isso a nossa escolha em usar esse termo. Ainda que com aspas para deixar claro que estamos todos em um momento de construção desse fenômeno linguístico e o próprio nome poderá sofrer alterações.

Em um detalhe feito por um especialista em jornal histórico mostra ter visto um “rosto” (;) sorridente piscando em um post feito pelo ex-presidente Abraham Lincoln postado pela revista The New York Times em 1862 (imagem 1). Acredita-se que a partir daí surgiu a configuração dos rostinhos que encontramos na fusão de letras e símbolos.

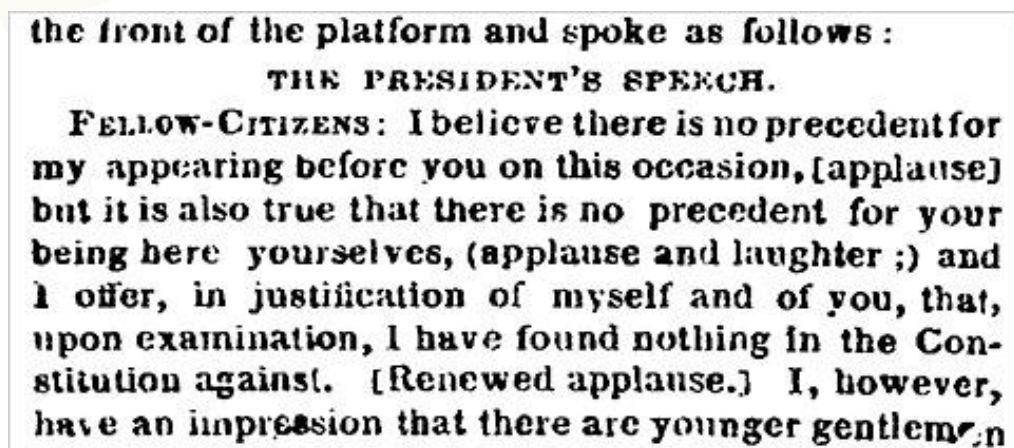


Imagem 1 - Configuração do ponto e vírgula com formato de rosto sorridente.

Até poderia ser um erro de digitação, mas, não parece ser, pois tem a conexão orações, ou seja, foi apenas uma coincidência em escrever exatamente desta forma e ter um olhar mais afundado na leitura e relatar o rostinho. Isso nos leva a entender que o suporte material que tempos para usar determina o modo como escrevemos e também nossa atitude como leitores dessa construção textual.

Afirmar que a escrita de uma redação, carta ou qualquer outro tipo de texto, parece ser mais natural que a escrita no computador (ou outros dispositivos, suportes, aplicativos) talvez seja apenas questão de tempo e hábito. Ou a incompetência da escola tradicional em utilizar esses suportes para os exercícios de produção textual escolares, como afirmam Florêncio, Bonilla e Silva (2020).



A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) reafirmam o consenso de que a principal função da escola é a formação de um cidadão crítico, ético, livre e participativo, construtor de uma sociedade mais justa.

Portanto, a escrita dessa rede social não deve ser encarada como um meio de empobrecimento linguístico, mas, talvez, apenas mais uma etapa do processo de evolução das tecnologias da escrita, pois a diferença, com relação ao “internetês” esteja apenas no suporte, na forma e rapidez da escrita, levando em conta os estudos das variações linguísticas.

Não podemos agir negativamente como Platão encarou o surgimento da escrita. Em Fedro e Sétima carta Platão fez objeções à escrita tal qual se faz hoje em relação ao computador e a internet. Dizia ele que a escrita é inumana, pois pretende estabelecer fora da mente o que só nele pode estar. Ela é um produto manufaturado, uma coisa (...). Para Platão, o texto escrito é estático, inerte, não dialoga com o leitor. Também não é, esta muitas vezes, a objeção que se faz hoje ao computador? Continuando sua crítica, Platão observa que escrita é passiva, artificial, situando-se fora do contexto natural da palavra falada. A crítica ao computador, a internet a de que ele está desvinculado do real numa realidade virtual? (Freitas; 2006, p. 15).

A primeira forma de comunicação da escrita criada pelo homem foram os pictogramas que são desenhos utilizados para expressar a rotina do dia a dia, ou a narração de fatos acontecidos. Serviram como introdução da escrita alfabética, surgindo depois os ideogramas, sistema onde o desenho utilizado para escrever não simboliza mais o objeto em si, e sim apenas mais uma ideia sobre sua simbolização.

Essa forma de escrita consiste também as expressões, emoções e intenções do autor, que podemos comparar aos “emoticons” ou “emojis”, apresentados a seguir (QUADRO A), caracteres disponíveis no teclado e em aplicativos já instalados nos celulares e em programas de computadores que, dispostos numa certa ordem, representa uma ideia.

Assim sendo, as emoções humanas tornam-se expressões passíveis de serem registradas no Facebook por meio de um teclado. Os emoticons são ícones de emoção ou símbolos formados por sinais diacríticos e de pontuação, que servem para o usuário expressar desde emoções até suas características físicas.

As conhecidas “carinhas” podem ser criadas livremente desde que passem a ser compartilhadas pelos demais usuários. Na verdade, esses ícones são um recurso criado pelos usuários da internet com a finalidade de suprir a impossibilidade de acesso ao tom de voz



e aos elementos cinéticos, como gestos, expressões faciais e movimentos de cabeça, próprios da interação face a face. Os emoticons mais conhecidos são:





QUADRO A

:~)
;-)
:-(
:~!
:~>
>~>
:~@
:~P
:~Q
8~)
:~*)
:~X
:~'-(
:~/
;-X
Quadro – A emoticons básicos

Fonte: os autores

3 O internetês com característica silábica

Na história da escrita, logo depois dos pictogramas, os fenícios criaram a escrita silábica, na qual apenas os valores consonantais eram registrados.

Se na escrita dos fenícios apenas as consoantes eram escritas, com o “internetês” a emergência de escrevermos algumas vogais surge para garantir o sentido do que é dito. Em algumas formas de escritas presentes nesse tipo de linguagem, a regra de registrarmos somente uma letra para cada emissão do som (sílabas) se mantém, mas essa letra agora pode ser tanto vogal como consoante, dependendo da palavra a ser escrita. O quadro B representa o internetês apenas fazendo o uso do sistema de escrita silábica.

QUADRO B



abç ctz blz d+ gnt flw kbça hj mto ksa pq qdo td tbm tc tds vlw vc dxa rs
Quadro B – escrita presente no Facebook (silábica)

Fonte: os autores

4 O internetês com características alfabéticas

No processo de evolução, temos os gregos que, ao conhecerem o sistema silábico de escrita, se ajustam e o adaptam incluindo as vogais, estabelecendo, assim, o nosso sistema de escrita, o alfabético. Nesse sistema, cada sílaba pode ser representada por apenas uma letra, duas, três ou mais. O quadro C relaciona a escrita com característica alfabética em internetês.





QUADRO C

Aih
Akele
Amigu
Aki
Axar
Arkivo
Anaum
Baijam
Colokei
Baskete
Entaum
Daki
Ekipamento
Kebra
Esqcer
Issu
Falow
Quadro C – escrita represente no Facebook (alfabética)

Fonte: os autores

Assim como nos estudos da Sociolinguística, existem variações classificadas em diatópicas, diastráticas e diacrônicas, no Facebook/Instagram, também é possível se perceber variantes dentro dessa variedade linguística constituída: os falantes mais “velhos” costumam preservar mais as formas antigas de escrita da Língua Portuguesa, enquanto os mais novos costumam ousar e experimentar várias possibilidades que a língua abre na sua heterogeneidade. E isso explica o fato de que a cultura tecnológica atual vem sofrendo mudanças na escrita, pois mesmo incentivando a oralidade, essa cultura ainda depende de meios escritos.





A linguagem é uma prática social que tem uma evolução ininterrupta, constituída pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação “(...) penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam” (Bakhtin, 1997, p. 282). Bakhtin situa a língua, bem como os seus usuários e está a serviço de qualquer ser humano e de qualquer juízo de valor.

As discussões sobre o internetês e seus efeitos na sala de aula têm dividido opiniões. Entendemos que as línguas mudam com o tempo. Essa mudança não se processa de maneira instantânea, mas de maneira gradual e com resistência. As variações linguísticas trazidas pelo internetês corroboram a construção de novos sentidos. No entanto, a escola parece alheia aos fenômenos comunicacionais digitais, como sugerem Florêncio, Bonilla e Silva (2020, p. 60):

A melhor forma dos multiletramentos se apresentarem é através das hipermídias, pelas características de hibridização de diversas linguagens, pela interatividade, movimento e processos colaborativos. As escolas, como cenário formador, precisam incorporar as práticas de multiletramento e vincular as linguagens presentes na sociedade no contexto pedagógico. Assim, podem romper hierarquias e modelos fabris, tornando professores e alunos produtores de conhecimentos e culturas.

É indiscutível que, por meio da internet, as redes sociais tornaram-se instrumentos de comunicação vastos e mutável, que têm promovido uma interação social diferenciada, dinâmica e fluida (Araújo; Rodrigues, 2007). Facebook e Instagram apresentam formas/contextos bem diferentes de dialogar e principalmente de escrever, tendo como suporte o hiperespaço. Principalmente com o advento da internet, foram surgindo novas palavras e expressões, muitas delas ainda sem significado perfeito em nossa língua, mas identifica-se aí um processo de construção verbal/textual contínuo e (in)constante.

Considerações Finais

A universalização da língua dos ambientes sociais fez surgir uma linguagem que utiliza ideias, símbolos fonéticos e representações pictóricas. Essa linguagem é uma verdadeira revolução nas relações humanas. E o “internetês” é uma forma de comunicação que estimula ao usuário da língua conhecer as diversas possibilidades de escrita oferecidas pelo idioma, cabendo a este fazer suas próprias escolhas adequadas a mídia usada, ainda que elas sejam menos admissíveis por parte de membros de outras camadas sociais diferentes das dele. Por isso, a escola, através de professores preparados, não deve negar a esse aluno o conhecimento de todas as opções possíveis de comunicação através dessa escrita.



A escola não precisa ter medo do “internetês” nem declarar-se inimiga, pois essa linguagem não interfere na estrutura morfológica, sintática ou fonológica da língua e sim apenas em seu uso. O internetês, ao fazer uso das abreviações, recursos semióticos, termina originando uma linguagem mais farta e mais completa, exatamente, pelo espaço-tempo de oralidade e escrita.

Assim, buscando compreender esse novo tipo de escrita e essa nova construção contextual dos textos, é necessário compreender seu surgimento e suas características básicas. Creemos que é função do professor refletir acerca desse conhecimento em ambiente escolar, cabendo ao mesmo estimular seus alunos a identificar e respeitar as diferentes variedades da língua, entre elas a linguagem da internet, fazendo as correlações entre a norma e o uso da língua.

Referências

- ARAÚJO, Júlio César (org). **Internet & Ensino: Novos Gêneros, Outros Desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna: 2007
- ARAÚJO, Júlio César; RODRIGUES, Bernardes Biasi. **Questões de estilo no gênero chat aberto e implicações para o ensino de língua materna**. Rio de Janeiro: Lucerna: 2007
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1997, p. 277-326.
- BONILLA, M. H. S.; PRETTO, N. Política educativa e cultura digital entre práticas escolares e práticas sociais. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 499 - 521, maio/ago. 2015
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 – Brasília: Senado Federal Subsecretaria de Edições técnicas, 2002.
- CITY ROON. **Is That an Emoticon in 1862?** Disponível em: <Is That an Emoticon in 1862? - The New York Times (nytimes.com)>. Acesso 13 ago 2021.
- FIORIN, José Luiz. **A Internet Vai Acabar com a Língua Portuguesa?** Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/arquivos/matte/ievidosol/Fiorin.pdf>>. Acesso em 25 jul 2021.
- FLORÊNCIO, Roberto Remígio; BONILLA, Maria Helena Silveira; SILVA, Hana Moitinho Freire Queiroz. Práticas de Multiletramento: uma realidade ainda distante nas escolas contemporâneas. **Revista Entreideias** – UFBA, Salvador, v. 9, n. 1, p. 5-64, jan/abr 2020.



FLORÊNCIO, Roberto Remígio; DAMASCENO, Leomara Coelho. Literatura de Cordel, um caminho para o estudo das variações linguísticas no ensino fundamental. **Revista Identidade!** ISSN 2178-437X v. 27, n. 2, p. 290-310, São Leopoldo, jul./dez. 2022.

FREITAS, Maria Thereza de Assunção. **Leitura e escrita de Adolescentes na internet e na escola**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2020**. www.ibge.gov.br acessado em: 12 de maio de 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O hipertexto na sala de aula**. Recife: Editora UFPE, 2010

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

QUINDIM. Netspeak: **O que é internetês e como influencia o aprendizado das crianças**. Disponível em: <<https://quindim.com.br/blog/o-que-e-internetes/>>. Acesso em: 13 ago 2021.

RAMPAZZO, Fabiano. **Embora grafia seja criticada por profissionais da área da educação, ocorrência de abreviação em provas e concursos é quase nula**. Disponível em: <http://tiredletras.blogspot.com/2010_01_17_archive.html>. Acesso em: 15 jun 2021.

SOUSA, Socorro Cláudia Tavares de. As formas de interação na internet e suas implicações para o ensino de língua materna. In ARAÚJO, Júlio César (org). **Internet & Ensino: Novos Gêneros, Outros Desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna: 2007.